



Eleições americanas por Zero Hora: o texto literário no jornalismo¹

Denise Braga LOPES²

Carla Simone Doyle TORRES³

Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS

RESUMO

O objetivo deste trabalho é verificar o estilo textual dos jornalistas Daniel Scola e Rodrigo Lopes na cobertura especial para o jornal Zero Hora sobre as eleições presidenciais norte-americanas em 2008. As narrativas acerca das campanhas e do pleito revelam aspectos do Novo Jornalismo. Embora o estilo seja muito aplicado em reportagens de maior fôlego ou em livros reportagens, percebe-se que nas notícias dos jornalistas há elementos que resgatam uma produção informativa com mais ferramentas do discurso literário. Para isto, propomos uma análise de seis textos dos repórteres, a fim de evidenciar características do Novo Jornalismo ou Jornalismo Literário, como é chamado no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Zero Hora, Novo Jornalismo, eleições americanas.

Novo Jornalismo ou Jornalismo Literário: o realismo social no texto

A preocupação de fundo social do texto informativo unida ao cuidado estético com as palavras revela um perfil diferenciado de jornalista. Uma simples conversa com este profissional mostra as influências e razões de um repórter que insiste em dar um tom humanista às suas narrativas:

O meu texto vem muito da questão literária, eu sempre gostei muito do *New Journalism* americano, então eu busquei fazer um jornalismo literário, para tentar aperfeiçoar esta sensação que eu tenho (...) o jornalismo tem que contar as histórias das pessoas, *journalism is people* (...) porque eu acho que não se tem tempo, se faz um jornalismo que é oficialista, chapa branca. Todas as pessoas têm uma história interessante para contar, sou um cara observador, gosto de narrar, como tu estás vestida, como me observas. No texto do jornal, especialmente, eu gosto de fazer isto porque de certa forma ajuda a transpor, a levar o leitor comigo na viagem.

Na fala de Lopes, verifica-se uma abordagem jornalística chamada originalmente de *New Journalism* (Novo Jornalismo) – ou Jornalismo Literário. O estilo foi lançado nos Estados Unidos, como analisa Lima (2006, p.193), ao afirmar que

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Recém-graduada em Jornalismo do Centro Universitário Franciscano –UNIFRA. E-mail: deingles@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano –UNIFRA. E-mail: carla.doyle@gmail.com



Os Estados Unidos dos primeiros anos da década de 1960 viviam a grande efervescência das transformações sociais, comportamentais e culturais da contra-cultura e correntes paralelas como a consciência negra, mas a literatura não se alertava para isso.

A época descrita pelo autor revela um período em que a classe criadora dos romances encontrou-se afastada de um instrumento que permitia uma abordagem adequada para o fenômeno: o realismo social. O jornalismo, então, invade o período de ócio literário e começa a observar estas mudanças sociais e a transcrevê-las nos jornais diários mais modernos.

Os primeiros jornais a abordar a nova forma de texto jornalístico foram o *Herald Tribune*, *Daily News* e *The New York Times* e depois seguem seu processo de amadurecimento em revistas semanais como *The New Yorker* e *Esquire*. O caminho percorrido chega ao seu reconhecimento mais profundo no livro-reportagem de Truman Capote, *A sangue frio*, lançado originalmente em 1966.

O livro foi lido e analisado por vários segmentos do universo acadêmico, porém Capote afirmava que tinha inventado um novo gênero literário “o romance de não ficção”. A forma literária confirmou o surgimento de uma nova corrente, o Novo Jornalismo.

No Brasil, Carlos Marcos Avighi, em sua tese de doutorado, encontra em uma obra brasileira alguns sinais que revelam a nova tendência que teve início, como citado acima, na imprensa norte-americana.

Os sertões é a concepção e fruto do trabalho do repórter competente, mesmo porque não poucas de suas páginas foram originalmente redigidas como matéria destinada à imprensa periódica e depois decantadas no texto jornalístico e ajustadas a um trabalho de mais fôlego. Certamente os Sertões não é trabalho jornalístico, pois em tudo escapa as características a fins inerentes ao periodismo. É, isto sim, nascido em parte do ofício do repórter. (AVIGHI *apud* LIMA, 2006 p.212).

Euclides da Cunha apresenta em seu texto uma ferramenta do jornalismo: a capacidade de colher material e documentação para narrar um acontecimento. Os conhecimentos possíveis da época foram utilizados para que ele desse uma forma documental ao seu texto sem abandonar as características de narrativa literária.

A revista *Realidade* é considerada, no Brasil, o impresso que revelou a nova estética da proposta e é também, segundo Lima (2006 p. 192), a “grande escola da reportagem moderna”, junto com o impresso *Folha da Tarde*.

No Novo Jornalismo, existem quatro recursos fundamentais, apresentados por Tom Wolfe (2005): primeiro, narrar os fatos, passando de cena a cena e recorrendo o



mínimo possível aos dados históricos. Segundo, o registro do diálogo completo. Estudos acadêmicos revelam que o diálogo realista é o recurso que envolve o leitor mais completamente do que qualquer outro discurso. Terceiro, citar o “ponto de vista da terceira pessoa”, técnica que apresenta cada cena ao leitor por intermédio de outro personagem. Os jornalistas, muitas vezes, utilizam o ponto de vista que situa – o “eu estava lá”. Por fim, o quarto elemento, que, segundo Wolfe, é o menos compreendido – refere-se ao registro dos gestos, hábitos, maneiras, costumes, estilos de mobília entre outros. Para ele, esses elementos simbólicos revelam o poder do realismo.

Na obra *Radical Chique*, Tom Wolfe (2005) cita a polêmica que o tema envolve, não somente no universo acadêmico, como nas próprias redações de jornais do mundo inteiro. E assim explica:

O status de Novo Jornalismo não está de modo algum garantido. Em alguns setores, o desprezo por ele é ilimitado... estimulante até... Com alguma sorte o novo gênero jamais será santificado, jamais será exaltado, jamais receberá uma teologia. Eu provavelmente nem devia dar o trabalho de defendê-lo como neste texto. Tudo que eu poderia dizer ao começar é que o Novo Jornalismo não pode mais ser ignorado num sentido artístico. (WOLFE, 2005, p. 60).

O próximo passo do estudo tem por objetivo destacar e analisar alguns elementos do texto dos jornalistas a fim de verificar sinais que representam características do Novo Jornalismo.

As eleições norte-americanas no jornal Zero Hora

O jornal Zero Hora apresentou, nas páginas de editoria de Mundo, no período de 31 de outubro a 6 de novembro de 2008, uma cobertura especial com enviados sobre as eleições americanas. Os jornalistas Daniel Scola e Rodrigo Lopes apuraram e produziram o material que relatava o clima e a expectativa não somente dos eleitores americanos, mas também, da população mundial que acompanhou a disputa entre Obama e McCain.

Na entrevista com os jornalistas enviados para a cobertura e o editor de Mundo da ZH, em momentos diferentes, encontraram-se pistas de que a abordagem adotada pela empresa e o trabalho dos *newsmaking* seria diferente. “A nossa ideia era ver como as pessoas estão reagindo, como que a crise está afetando as pessoas, o que os americanos querem” – afirma o repórter Lopes⁴.

⁴ Todos os depoimentos do jornalista Rodrigo Lopes foram cedidos durante entrevista, na RBS TV em POA, no dia 5 de abril de 2010.



Scola⁵ também enfatiza que o próprio trabalho de enviar material para outras mídias faz com que o repórter perceba e busque outras formas de apurar uma informação. “Às vezes a matéria é mais descrição, tu tens um cenário para descrever, então fica para o jornal, de repente tem o som, pessoas gritando, pessoas chorando, pessoas rindo, então fica legal pra rádio”.

O perfil da cobertura e a necessidade relatada por ambos os jornalistas sinalizam para uma produção mais autônoma e criativa na produção jornalística. A reportagem amplia as possibilidades de criação e autoriza a descrever um fato, não apenas respondendo às famosas perguntas do *lead*, mas narrando e utilizando todas as simbologias e estilos de linguagens que interagem com a capacidade de observação do jornalista.

Uma abordagem que está retomando seu espaço, pois Benjamin Franklin acreditava que essa forma de texto já estava extinta, desde que surgiram as forças produtivas no mercado da informação.

Cada manhã recebemos notícias de todo mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está à serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações. O extraordinário e o miraculoso são narrados com maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na narração (FRANKLIN *apud* BERGER, 2007, p.31)

A narração citada por Franklin é abordada como perdida na época contemporânea, por razões que se justificam principalmente pelas exigências do mercado. Hoje a rapidez e os processos produtivos aceleram a forma de apurar e produzir uma informação.

Porém, há outra possibilidade que invade os tablóides dos jornais mais atualizados e bem menos convencionais. A narração passa a ser um elemento que constitui o discurso jornalístico e essa prática se viabiliza através do uso de recursos do Novo Jornalismo.

O suporte Zero Hora tem mais de 50 anos, e pode ser classificado como um veículo tradicional, porém os textos que servem de base para a pesquisa retratada neste artigo mostram características do Novo Jornalismo, que desafiam a estrutura tradicional e histórica da informação. É como se a objetividade idealizada pelo texto informativo

⁵ Todos os depoimentos do jornalista Daniel Scola foram cedidos em entrevista, na RBSTV em POA, no dia 5 de abril de 2010.



fosse colocada em xeque, pois muito do lado subjetivo, do impressionismo, passam a influir sobre o texto e se tornam, enfim, fundamentais na estrutura assumida pelo jornalismo literário.

Eu não acredito nesta objetividade jornalística: tu tens que ser frio e tens que ser neutro, fatalmente tu acabas pendendo para um lado. Eu tinha uma grande comoção para que o Obama fosse eleito e você tenta manter alguns parâmetros. E eu acho que foi sadio o Scola ter ido para um lado e eu para outro.

Estas revelações do jornalista Rodrigo Lopes refletem a busca por um jornalismo diferenciado, e confirmam a sua formação acadêmica. Ele possui pós-graduação em Jornalismo Literário pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário, além de especialização em Jornalismo Ambiental pelo *International Institute for Journalism* de Berlim.

Para Scola, o seu estilo de texto também se adapta à orientação e linha editorial do caderno de Mundo e explica:

é fazer uma coisa diferenciada, diferente das agências de notícias. Não adianta nada eu ir lá e fazer o fechadinho, tem que fazer o periférico, tem que ampliar isto. Mas aí, surge uma exigência minha também, que é contar para as pessoas o que eu estou vendo, o que estou sentindo, cuidando para não ser o centro das atenções e não virar notícia (...) fazer um relato, o que aconteceu aqui, o que aconteceu comigo, o que eu vi, qual era o ambiente, tinha segurança, quem é o cara que ouviu Obama, quem foi ouvir McCain é saber por que as pessoas estavam vibrando, entende?

Os jornais, assim como a história, ocupam dentro de suas características específicas um espaço no tempo para contar e recontar momentos que representam fatos ou fenômenos sociais de uma época.

Para Sodré (2003, p. 9) a reportagem “é onde se contam, se narram as peripécias da atualidade - um gênero jornalístico privilegiado”, desta forma a maneira de contar pode assumir várias características, por possuir mais liberdade de estruturação e criação. Faz-se necessário, neste momento, diferenciar alguns segmentos que possuem a função de narrar.

O jornalismo, a história e a ficção diferem se na construção do discurso. Para Berger (2007), o jornalismo lança seu olhar sobre um fato e os vê por todos os lados, sua atitude é de aproximação distanciada. O tempo é o presente e a repercussão dele também se faz no agora.

O historiador olha o fato ou acontecimento através de outros olhares, ele busca a informação através de documentos, arquivos para refazer o caminho do fato e o faz com a garantia do distanciamento do acontecimento.



O ficcionista olha o fato a partir de sua própria subjetividade, ele não deseja o distanciamento e sim a entrega e o envolvimento. As três modalidades usam a mesma ferramenta para construir a sua enunciação: as palavras. Porém, uma diferença faz-se necessária: a literatura inventa e cria personagens como heróis e bandidos, todos dentro de uma perspectiva artístico-literária, mas o jornalismo deve apenas descrever o que de real se apresenta ao mundo.

As grandes matérias, os livros-reportagens e as coberturas jornalísticas especiais conseguem resgatar, muitas vezes, o valor da linguagem trabalhada e refletida, a fim de descrever um fato. O jornalista apodera-se da aproximação e da subjetividade para fazer de seu discurso um momento de reflexão e aproximação com o seu leitor.

Antonio Olinto, em um ensaio sobre jornalismo e literatura em 1952, na página introdutória de seu trabalho, afirma que o jornalismo já foi chamado de “literatura sobre pressão” e assim argumenta: “As frases ajustam-se a um tamanho, o pensamento é obrigado a trabalhar depressa. Contudo por maior que seja essa pressão, o jornalismo tem, fundamentalmente, as mesmas possibilidades que a literatura, de produzir obras de arte” (OLINTO, 2008, p. 13).

A ideia não é nova e provoca discussões nos ambientes acadêmicos e nas redações dos jornais, no entanto comprova-se que este discurso mais narrativo e descritivo esteve presente no discurso do jornal ZH durante a cobertura das eleições americanas.

O que caracteriza uma reportagem? Que instrumentos são articulados para que a informação deixe de ser apenas uma notícia e se amplie nas possibilidades de espaço, tempo e de discurso? A resposta é esclarecida por Sodré (2003) para o estudioso, as principais características de uma reportagem são: a predominância da forma narrativa, a humanização do relato, o texto de natureza impressionista e a objetividade dos fatos. Estes são elementos que podem aparecer com variada intensidade na construção textual do material verificado.

Reflete-se neste momento sobre as vertentes do Novo jornalismo que surgiu em uma época que a literatura ignorou as mudanças da sociedade e os jornalistas surgem como “realistas sociais”, termo adotado por Tom Wolfe (2005). O Novo Jornalismo, no Brasil identifica-se como jornalismo literário ou jornalismo interpretativo e reafirma as características de Sodré ampliando apenas a sua ideia de objetividade.

“A objetividade da captação linear, lógica, somava-se a subjetividade impregnada de impressões do repórter, imerso dos pés à cabeça no real” (LIMA, 2006,

p. 195). A dinâmica de narrar com detalhes o fato deixa de ser um aspecto a ser evitado pelos jornalistas.

O olhar atento, a audição apurada, a observação detalhada passa a visitar o discurso jornalístico, levando o leitor a se familiarizar e, principalmente, a seguir na leitura, tal qual um romance.

A reportagem especial favorece o uso dessas ferramentas citadas por Sodré e defendida pelos precursores do Novo Jornalismo. A notícia se apresenta, então, não apenas em um lugar, mas mostra em seu discurso um cenário repleto de personagens.

Narrativas diárias de dois enviados especiais

Na análise visual da edição do dia 31 de outubro de 2008 (figura1), percebe-se a utilização de uma abertura para a matéria que encontra suporte em uma imagem. No alto da página lê-se: “Duelo nos EUA”. O valor simbólico da palavra duelo encontra apoio na gravura de um revólver. Nas histórias do velho Oeste retratada nas mais variadas formas de expressão artística, o final deve conduzir o receptor à catarse. A última cena carrega a expectativa de descobrir quem perde e quem ganha, ou melhor, quem vive e quem mata.

O texto começa com uma narração em quadros, de cena a cena. O enunciador, no primeiro momento, atribui ao texto o relato de uma fonte que já estava sendo observada. “Jefferson Scott, 36 anos (...)”, em seguida vários elementos discursivos descrevem o ambiente:

O sol do meio-dia; as pessoas chegando; a música The rising irrompe; Obama surge aos passos largos; cerca de 10 mil eleitores, comodamente sentados nas cadeiras azuis do Ed Smith Stadium ou de pé na recém-cortada grama, vão a loucura; a esta altura a testa de Obama está tomada de suor; atrás um grande cartaz com a palavra mudança.

Esses são alguns dos elementos da narrativa que tentam aproximar o leitor do real. A realidade é retratada com cor e sensação porque é feita a partir de uma observação participante. O jornalista está presente e descreve o que vê, construindo um significado, ou seja, uma história para o ambiente que surge a partir de um olhar de quem procura:

A unidade da reportagem não são mais os dados, a peça de informação, mas a cena (...), portanto nosso maior problema como repórter é, apenas, conseguir ficar ao lado da pessoa sobre quem escrevemos durante tempo suficiente para as cenas ocorrerem diante dos nossos olhos (WOLFE, 2005, p. 83).

O texto também deflagra a presença do enunciador quando escreve: “Com domínio exemplar de público”. A afirmação parte de uma análise do repórter que avalia a postura do político e revela a sua opinião a respeito do candidato. É a sua consideração que invade o texto como forma de enfatizar o candidato como um político que apresenta facilidades de comunicação e contato com o público.

Outro aspecto a considerar é a pergunta dirigida ao repórter: “- És do Rio?” Ao ser indagado, o jornalista entra para o texto e assume também o seu papel de personagem da reportagem. Deste modo, há uma inversão de papéis: a fonte pergunta e o repórter responde. A abordagem intensifica a ideia de atribuir a sua presença no momento presenciado.

Ao citar a música *The rising* o enunciador provoca a memória de seu próprio leitor para explicitar a ideia de espetáculo. A busca por uma emoção partilhada fica evidente na construção do discurso e, para Wolfe (2005) o domínio desta ferramenta faz com que a imprensa seja uma forma indireta de estimular e não criar emoções.

Após descrever o ambiente dentro de uma perspectiva de realismo social, que apresenta falas e observações do próprio jornalista, o último parágrafo termina com um “final feliz” do comício ou seria do capítulo? O fechamento compara-se com a construção clássica das narrativas literárias: “Obama sai acenando. Candidato e plateia parecem um só”.

A construção de cena por cena e as ferramentas da narração atribuem ao texto jornalístico uma característica que é de seu domínio por inteiro. Para Wolfe (2005, p.57), o texto informativo possui uma relação muito especial com seu destinatário porque, “além das questões de técnica, existe uma vantagem tão óbvia, tão interna, que quase se esquece o poder que ela tem: o simples fato de o leitor saber que tudo aquilo realmente aconteceu”.



Figura 1

No texto de Daniel Scola, publicado na edição do dia 31 de outubro de 2008 (figura 2) na cidade de Mentor, em Ohio. Enquanto testemunhava os preparativos para o comício de McCain, o jornalista conta em detalhes o seu processo de apuração dos fatos e a experiência é exposta para o leitor quando se lê: “A reportagem da Zero Hora foi parada em quatro pontos de checagem antes de se aproximar do lugar da campanha”. Com essa afirmação, o leitor acompanha a dinâmica e as dificuldades que permeavam a cobertura jornalística da ZH. É uma forma de aproximação e, como citou o próprio jornalista em entrevista, “quero levar o leitor comigo”.

A presença do repórter no texto acrescenta a perspectiva de realismo. Ele não está lá somente para contar o que aconteceu durante o comício, mas também para expor em sua produção textual as dificuldades para conseguir fazer a reportagem.

Na primeira barreira citada, entre as quatro, o texto apresenta um depoimento informal de um policial: “- Esta é segurança do homem que pode ser o próximo presidente dos Estados Unidos. E em seguida emendou sorrindo: - As coisas devem ser um pouco diferentes no Brasil”. A resposta não foi adicionada ao texto, mas provocou no leitor uma reflexão. O que pensa o policial sobre o Brasil? A pergunta-resposta do policial apresenta uma crítica negativa ou positiva? O relato aparece no texto com uma intencionalidade e ao apresentá-lo o enunciador joga para o leitor outras reflexões e ponderações.

Na segunda barreira, o repórter descreve o segurança fisicamente e atribui ao texto a sua análise: “(...) se identificou como agente federal e repetiu o ritual de abordagem, que beira a agressividade”. Além de apresentar no texto a análise do repórter, no mesmo fragmento há um jogo entre jornalista e fonte, narrador e personagem que se misturam: “Pediu passaporte, carteira de jornalista e exigiu que o repórter ficasse a dois metros de distância, com as mãos a mostra”.

O elemento utilizado reforça a idéia de liberdade do repórter em assumir outros lugares no texto. Quando ele narra o jornalista abordado, ele fala de si mesmo, com o recurso do ponto de vista da terceira pessoa. Para Wolfe (2005) essa técnica proporciona ao leitor uma sensação de estar dentro do personagem, experimentando a realidade emocional da cena da mesma forma que o narrador- jornalista está vivenciando.

No decorrer da leitura, a barreira policial deixa de ser salientada e o jornalista apresenta detalhes do comício de McCain, salientando as críticas que o Republicano fez contra o candidato Democrata.



Figura 2

Na abertura do texto da edição do dia 1º de novembro (figura 3) se constata a presença do enunciador. A fala é resgatada para começar o processo de narração e descrição do momento. “– Votar ou biblioteca?” “- Biblioteca”.

O texto segue com uma descrição do lugar e outros elementos sensoriais são apresentados pelo enunciador: “Lá dentro descortina-se uma sala com cheiro de mofo, máquinas que remontam os mastodônticos PCs do início da década de 80”, e segue, “e eleitores com cédula e caneta na mão à espera de marcar no papel o seu voto”.

A narração com elementos tão simbólicos provocam no leitor o interesse, como se o texto o guiasse naquela sala que está sendo descrita. Para Wolfe (2005, p. 55) “esse registro não é mero bordado em prosa. Ele se coloca junto ao centro de poder do realismo, assim como qualquer outro recurso da literatura”. É através deste realismo que o enunciador oferece ao leitor momentos que o possibilita de visualizar o momento.

Ao descrever o lugar com tanta precisão e com recursos linguísticos da literatura – o papel e a caneta que os eleitores carregavam na mão- entende-se o processo de eleição menos evoluído do que no Brasil, e, desta forma, provoca no leitor uma outra visão e perspectiva da maior potência mundial. O texto não diz, mas joga para o leitor a possibilidade de avaliar a situação que é relatada no discurso.

No decorrer do texto, outras fontes comuns são apresentadas ao leitor, mas o enunciador apresenta uma como personagem e logo ressalta no texto a presença de verdadeiros personagens que representam o universo lúdico como Homem-aranha, monstros e bruxas. “– É Halloween”, surge a explicação para o leitor através do depoimento de outra fonte.

O texto revela-se cheio de histórias de vida e serve como um suporte para o discurso que procura descrever o ambiente e as sensações como se levasse o leitor junto.

Ao apresentar os relatos, mesmo que curtos, com o uso de travessão, o leitor consegue estabelecer e definir o personagem com maior rapidez.



Figura 3

No dia 2 de novembro (figura 4), o texto de apoio inicia com uma citação que recupera uma riqueza social de conhecimento público nas mais variadas culturas e países. “I have a dream”, a famosa frase de Martin Luther King, é utilizada não apenas como prova de conhecimento do repórter, mas um detalhe observado na camiseta de uma americana. Ao expor ao leitor detalhes, percebe-se um resgate da história de um herói americano de décadas passadas, e que é comparado na atualidade com o candidato democrata.

O recurso utilizado reflete uma relação de intertextualidade. A frase citada cria um diálogo com o texto informativo e revela a intenção de ampliar a informação, atribuindo o valor de líder político aos dois personagens: Obama e Martin Luther King.

Para Lima, ao resgatar o elemento memória: “a construção do narrador ultrapassa o limite seco, diminuto da informação concreta nua e chega-se a uma dimensão superior de compreensão tanto dos atores sociais como da própria realidade maior em que se insere a situação examinada” (LIMA, 2006, p.127). Após a citação, outras fontes e explicações são apresentadas no texto para dar suporte à frase do líder político assassinado em 1968.

No resgate de um personagem da história mundial, surge o jornalismo interpretativo, que para, Lima (2006, p.20):

Busca não deixar a audiência desprovida de meios para compreender o seu tempo, as causas e origens dos fenômenos que presencia, suas consequências no futuro. Vai fundamentar a sua leitura da realidade na elucidação dos aspectos que em princípio não estão bem claros.

O uso das fontes novamente realça o aspecto de criar vários personagens que atribuem ao texto um valor de riqueza social envolvido na cobertura da reportagem. Os

pequenos depoimentos servem de apoio para uma narração que investe no processo de humanização e identificação com o próprio leitor.

A imagem da foto também atribui ao personagem central, Obama, um caráter de favorecimento que o coloca “Perto da (com fundo branco e letras pretas) vitória” (com fundo branco e letras brancas). O jogo de cores seduz o leitor para a palavra vitória que é neste contexto valorizada.



Figura 4

No dia 2 de novembro (figura 5) o texto de apoio apresenta o depoimento de uma professora que faz parte da descrição do enunciador: “arrumou as malas na última terça-feira, vestiu a filha de um ano, carregou o carro e deixou Chicago, Illinois, em direção a Ohio!” A proximidade com elementos do discurso literário são evidentes. O enunciador não viu todos os acontecimentos, mas ele constrói para o personagem um caminho e ações que são acompanhadas pelo seu leitor.

Ao utilizar a fonte na sequência das ações de seu dia até chegar a votação o enunciador faz uma construção de bastidores, que é apresentada no texto como forma de delinear mais um personagem. Esta ferramenta é reconhecida no jornalismo interpretativo como a construção de um perfil:

O perfil, que é o lado da humanização da reportagem, já que o jornalismo se diferencia também por ser uma forma de comunicação que se volta para o homem, em última instância, como seu foco central e como tal visa emocionar, ao lado da elucidação racional, para transmitir um retrato completo dos temas que aborda (LIMA, 2006, p.21).

No fragmento comprava-se o aspecto também de humanização que é ressaltado por Sodré como uma das características principais ao se fazer uma reportagem. Os dois autores situam o jornalismo como ciência que reflete sobre as ações humanas, e por esta razão, não poderia esquivar-se no texto jornalístico de narrar e descrever o homem e seu espaço físico que o coloca também em uma posição ideológica em seu tempo.

A foto reflete um jogo que articula palavras e imagem. No topo: “Há esperança para”, com letras pretas e fundo branco e “McCain” em branco com fundo preto. Ainda no mesmo enquadramento, visualiza-se um *flash* de uma câmera, em profundidade na foto. A escuridão com a luz ao fundo gera uma ideia de túnel. E uma referência indireta de um ditado popular: “no final do túnel há uma luz”. A imagem do republicano é apresentada de forma impotente e com alguns atributos de perdedor.



Figura 5

No dia 6 de novembro (figura 6) o impresso apresenta um texto dos dois enviados para cobertura, junto com informações de agências de notícias. Neste momento, atreve-se, então, a salientar fragmentos do texto que parecem caracterizar o estilo de discurso dos repórteres: “Para quem se encontra na grama úmida do Parque Grant, a saudação inicial de Obama soa como o sinal de uma nova era e é respondida com aplausos, gritos e choro: - Hello, Chicago! Novamente, este fragmento apresenta detalhes do que é visto é contado. Ao citar a palavra “úmida” percebe-se o valor que o narrador atribui ao que seus olhos estão vendo, e cria cenas que vão induzindo o leitor a pensar e imaginar.

Para Lima,(2004, p. 122) no Novo Jornalismo, a perspectiva da observação participante, expressão utilizada pela primeira vez por Wolfe, é uma característica forte do estilo jornalístico citado acima, e assim argumenta:

não há como retratar a realidade senão com cor, vivacidade, presença. Isto é, com mergulho e envolvimento total nos próprios acontecimentos e situações, os jornalistas tentando viver, na pele, as circunstâncias e o clima inerente ao ambiente de seus personagens.

É necessário salientar que este dia o jornal Zero Hora apresentava em suas páginas o final da cobertura com enviados especiais. Os jornalistas que desempenharam a tarefa de descrever e contar os últimos momentos de campanha do democrata e republicano, estavam envolvidos com o clima de emoção que dominava o país.

O jornalista mesmo dominando todas as técnicas e cuidados que a profissão exige do envolvimento emocional com o fato, não pode negar a sua impressão do que vê e vive. E estas impressões deixam marcas de um estilo em seu texto. A crise econômica desencadeada nos EUA, a possibilidade de pela primeira vez um branco assumir a Casa Branca, são fatos que geram expectativa e comoção. O texto aborda esta linha: a confirmação de um desejo de uma maioria.

Na parte final do texto, o narrador cita as músicas que fizeram parte do cenário e finaliza:

Obama se retira do palco lentamente(...) Sai de mãos dadas com a mulher, Michelle. No final do palco, se abraçam. Na grama do Parque Grant, o casal Michael e Linda, voluntários da campanha de Obama em Ohio, também se abraça. Encerra-se um dos dias mais emocionantes dos EUA. Dez horas desde a chegada na fila até o grito final de vitória, quando Obama, Michael, Linda, Daniela, Bwat, Sean e todos os que testemunharam a noite inesquecível fizeram História.

Um final descrito, reunindo todos os perfis que foram utilizados pelo narrador durante o texto, as cenas quadro a quadro revelam a intenção de conduzir o leitor para uma narrativa, com “cheiro” de literatura que tem começo, meio e fim. É o final feliz, estampado no jornal.



Figura 6

Conclusão

A pesquisa foi à campo e buscou nas entrevistas com os jornalistas envolvidos na cobertura, durante dois dias no jornal Zero Hora e na RBS TV na cidade de Porto Alegre-RS, o caminho que foi feito pela equipe envolvida no processo de cobertura das eleições americanas.



O período de captação e apuração de informações sobre esta pesquisa com os próprios agentes do veículo de comunicação foi extremamente importante e realçou muitos aspectos que envolvem o fato até transformá-lo em notícia de jornal.

Entende-se que a cobertura jornalística dada pela Zero Hora surgiu a partir de uma necessidade de deixar o seu leitor informado a respeito de uma eleição política que se transformou histórica devido à relevância da posição econômica e social dos Estados Unidos nos acontecimentos mundiais.

Na análise interpretativa realizada nesta pesquisa, observou-se uma linha editorial que favoreceu aos jornalistas uma liberdade de criação textual, que em fragmentos se revela subjetiva e com predominância de um discurso que visita a linguagem literária.

Pode-se afirmar que a pesquisa foi uma grande reportagem, influenciada pelos estudos que concluiu no curso de Jornalismo, aliado à formação da área de Letras. A literatura e o jornalismo embora sendo gêneros diferenciados, podem manter um diálogo não somente nos livros reportagens, mas nas notícias diárias que possuem mais tempo e espaço.

Nos textos da ZH, vários elementos discursivos da narrativa apoiaram-se nas construções literárias. Acredito que o escritor precisa da capacidade de apuração do jornalista em seus romances da mesma forma que o jornalismo precisa se reinventar ao descrever o que vê. Na descrição detalhada, no uso dos perfis, o texto informativo se humaniza e desta forma não somente aproxima o seu leitor, mas o coloca como personagem da mesma história.

Referências bibliográficas

BERGER, Christa. **Campos em confronto: a terra e o texto**. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 2004.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e Literatura**. Porto Alegre: JÁ Editores, 2008.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem**. Notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

WOLFE, Tom. **Radical Chique. O Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

YAMAMOTO, Eduardo Yuji. **Arqueologia Ontogenética da Imagem In: INTERCOM**. Curitiba, 2009.